

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Prouença

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
(Almada, Portugal)

Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

Viagem de Inverno

De **Elfriede Jelinek**
Encenação de **Nuno Carinhas**



Centro Cultural de Belém
Pequeno Auditório (Lisboa)

De Sáb. 11 a Ter. 14 (às 21h – Dom. às 16h)

Duração: 2h40

Classificação etária: M/14

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TRADUÇÃO

António Sousa Ribeiro

CENOGRAFIA E FIGURINOS

Nuno Carinhas

DESENHO DE LUZ

Nuno Meira

SOM

Andreia Mendrico

INTERPRETAÇÃO

Ana Cris

Flávia Gusmão

Teresa Gafeira

PARTICIPAÇÃO

Sara Carinhas

É INVERNO. É UMA VIAGEM.

É Inverno porque nos sentimos no Inverno do Mundo. Ou talvez não seja tanto assim, mas às coisas, para *serem* dentro de nós, basta-nos senti-las, ou até mesmo só pressenti-las. É Inverno. Uma desolação, um frio cobre todas as nossas paisagens – um desconforto, ou então um medo, ou então misérias várias, carências de toda a sorte, umas de coisas feitas de átomos e outras de coisas feitas de valores éticos (humanos, portanto). Cá dentro (dentro de todos) neva, mas não uma neve branquinha e muito bela, como a da Serra da Estrela para quem lá vai de óculos de Sol em passeio, não: é uma neve muito grande e muito fria, que esmaga, que mal caiu e já está toda suja. No palco também neva, sobretudo no coração das palavras, é melhor ter cuidado, é melhor ir com calma, abrir bem os olhos, respirar, pensar nas coisas enfrentando o medo, dominar os demónios que «as palavras senhoras-donas», como dizia a Agustina, carregam às costas dentro de sacas de culpas que é preciso espiar, dizem-nos.

É uma viagem. Três atrizes caminham debaixo de uma terrível tempestade. A tempestade não era delas, coitadas, mas agora também é delas. Três atrizes são várias vozes de Elfriede Jelinek (mas ela tem muitas mais, pois os escritores são coros) dentro da cabeça a pensar, absortas e ao mesmo tempo impetuosas, ali a mostrar-nos, no fundo é isso, do que é feita a nossa existência. As atrizes caminham como podem, coitadas, pelo pensamento circular e neurótico (cheio de emoções, portanto) de quem verdadeiramente pensou sobre os problemas da vida. Jelinek pensou. Pensou por muitos de nós. Devíamos agradecer-lhe muito. E também ao encenador, que construiu este espectáculo sem fazer barulho, que encontrou uma maneira de dizer todas aquelas palavras, que conseguiu abrir as sacas de culpas sem fazer mais barulho. Não que fosse preciso, pois. Não era. As culpas são muito estridentes, e o encenador sabe disso perfeitamente.

O texto é música. A música ressoa sob a tempestade que cresce dentro da cabeça de todos – atrizes, público. Jelinek “bateu à máquina” (antigamente dizia-se assim) como se tocasse piano. As teclas do piano foram substituídas pelas teclas do computador. A pianista, nascida e criada na Pequena Alemanha (na Áustria que também Thomas Bernhard não suportava) e que tinha problemas com a mamã tornou-se escritora. Colcheias e semi-colcheias passam pelo palco a um ritmo vertiginoso e por vezes encantatório: é o texto de Elfriede Jelinek, sempre ali a matraquear a mesma cantiga: as suas dores austríacas e existenciais. Nada estranhamente, reconhecêmo-las como nossas. As dores portuguesas, silenciosas, também são muito antigas: crónicas.

Viagem de Inverno não faz de conta. Faz outra coisa muito diferente: mostra o que o passado está a fazer com o presente e o futuro, ou, aliás, talvez melhor dizendo, mostra o que nós, a maioria, fazemos com ele: nada.

Sarah Adamopoulos